



Evidências de bilinguismo em escolas privadas na Região Metropolitana do Recife à luz das teorias de Baker, Krashen e Grosjean

Evidences of bilingualism in private schools of the metropolitan area of Recife in the light of theories by Baker, Krashen and Grosjean

Heber Silveira de ARAGÃO¹

Márcia Maria MODESTO²

Resumo: Tendo o aprendizado da língua inglesa se tornado algo fundamental no mundo globalizado em que vivemos, também se tornou importante discernir entre o que é o ensino do Inglês como segunda língua e a oportunidade de realmente viver o idioma de maneira natural, como é proposto na educação bilíngue. As técnicas e abordagens no ensino de idioma têm sido exploradas e desenvolvidas em diversos contextos. Como resultado, observa-se que o ensino da língua inglesa se tornou, há muito tempo, uma fonte de riqueza, tanto cultural como financeira. A mais recente, e aparentemente mais acolhida no mercado privado de ensino, é o bilinguismo. É possível observar que, à medida que se percebe um crescimento nos últimos dez anos³ das instituições que se propõem a oferecer um ensino da língua inglesa nessa linha, cada uma delas tentará interpretá-lo da maneira que lhe for mais conveniente, tanto por motivos de convicção, como lucrativos. Nesse cenário é possível encontrar diversos conceitos. Não faltam alguns criados por pais e donos de escolas e curiosos, com o livre arbítrio de criar e difundir suas ideias nos blogs, nas redes sociais e em tantos outros veículos à disposição. O presente trabalho tem a intenção de organizar algumas dessas ideias e hipóteses, com o intuito de relacionar a maneira como essas instituições estão oferecendo o ensino da língua inglesa, de acordo com a fundamentação teórica observada através do levantamento bibliográfico e pesquisa de materiais publicamente oferecidos por elas na Região Metropolitana do Recife-PE, Brasil.

Palavras-chave: Bilinguismo. Inglês como Segunda Língua. Educação Bilíngue. Globalização. Educação Infantil.

Abstract: Since learning the English language has become indispensable in the globalized world in which we are, it has also become important to distinguish between English language learning and the opportunity to really live the language in a natural way as it is proposed in bilingual education. Language teaching techniques and approaches have experienced all sorts of exploitation and development. As a result, it is observed that English language teaching has been, for a long time, a source of gains, both cultural and financial. The latest and apparently, the most favourably accepted new modality of teaching/learning a foreign language in private schools by the market, is bilingualism. It is observed that, as the number of institutions offering English language teaching/learning within this line of work have increased, each one of them will try to interpret such methodology according to their convenience, either due to their beliefs or even profit. In this scenario, it is possible to find distinguishable concepts. There is no shortage of concepts created by parents, school owners, and curious people willing to establish and widespread their ideas in blogs, social networks and many other means at their

¹Graduando em Letras pela Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE. E-mail: heberaragao@hotmail.com

²Professora na Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE, Mestra em Educação com concentração em Ensino de Língua Inglesa como segunda língua pela Framingham State College, Massachusetts e Especialista em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco | UFPE e orientadora da pesquisa. E-mail: modestomarcia@gmail.com

³Conforme dados das escolas pesquisadas.

disposal. This work aims at organizing some of these concepts and hypotheses in an organized way; with the purpose of outlining the way in which such institutions are teaching the English language according to the fundamental theories observed through the literature and research of publicly available material from the schools from the metropolitan region of Recife, State of Pernambuco in Brazil.

Keywords: Bilingualism. English as a Second Language. Bilingual Schools. Globalization. Childhood Education.

Introdução

Um dos maiores mitos existentes a respeito do bilinguismo é que se trata de um fenômeno raro. Em seu livro: *bilingual: life and reality* (Harvard University Press, 2010), François Grosjean indica que “aproximadamente metade da população do mundo é bilíngue, isto é, vive com duas ou mais línguas” (Grosjean, 2010). Portanto, percebemos que, apesar de sermos o quinto maior país do mundo, ainda somos como uma ilha monolíngue. Apesar disso, esforços têm sido feitos para diminuir essa diferença; quer oferecendo cursos de inglês, quer oferecendo educação bilíngue, que utilize dois idiomas, da maneira que propomos explorar neste trabalho.

A primeira infância é o período mais favorável para a aquisição de uma segunda língua. As transformações neurológicas que acontecem nos primeiros três anos de vida das crianças são cruciais para esse desenvolvimento. “Ao nascer, os neurônios existentes no cérebro estão, em sua maioria, separados uns dos outros. A tarefa do cérebro nesses primeiros três anos é estabelecer e reforçar a relação entre os neurônios” (LEMOS, 2007 *apud* SARA GLABE & MELISSA HUNTING, 2000). Portanto, deve-se planejar bem a educação das crianças, especialmente se há uma consciência dessa necessidade de educar a criança como um **cidadão do mundo** (grifo nosso), pronto para enfrentar as oportunidades multiculturais que estão cada vez mais comuns.

Atualmente vivemos em um mundo em que muitos estão numa situação de multilinguismo [...] e pensar, utilizando dois ou mais códigos, melhora nossas funções mentais e previne intolerância contra outras línguas e outras culturas (LEMOS, 2007, *apud* DORISSOMMER, 2005).

Algumas escolas incentivam os pais a praticarem o idioma em casa. Muitas vezes, isso causa transtorno, pois nem sempre os pais falam a língua alvo e por isso ficam constrangidos em praticar em casa. Em outras situações, apenas um dos pais fala a língua, e teme que o uso de duas línguas em casa possa causar dúvidas para o educando. Alguns pais, todavia, temem que a criança possa apresentar dificuldades em se expressar na linguagem falada, pois irá, eventualmente, **misturar** (grifo nosso) as línguas. Isso é normal. Conforme relata Fred Genesee (2006),

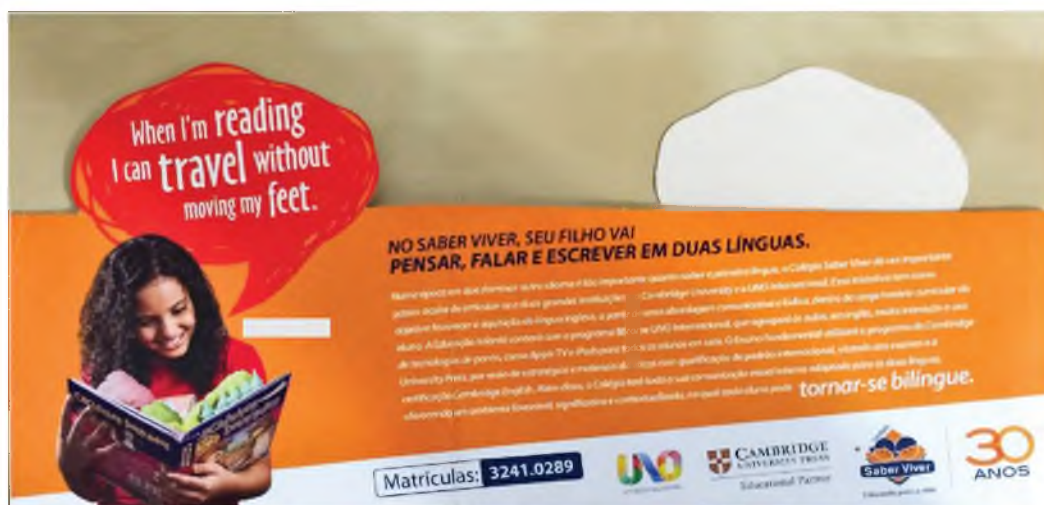
[...] most bilingual children mix their languages sometimes no matter how much their parents mix [...] most parents mix their languages when talking with their young children because it is a natural and effective way of communicating with one another and their children. Because mixing languages is common among people who are bilingual, it can be difficult and unnatural, if not impossible; to keep the languages completely separate [...] the children will eventually learn the monolingual patterns (GENESEE, 2006).

Se, por um lado, oferecer uma educação bilíngue é ideal na primeira infância, e o seu aprendizado é facilitado, inclusive pelo próprio desenvolvimento neurológico, não se pode simplesmente achar que a criança vai **pegar** (grifo nosso) a segunda língua. É necessário que os pais sejam bem orientados e possam trabalhar juntamente com os professores e a criança e, além de tudo, deixem de lado as aspirações exageradas e ansiedades, afinal “pode-se levar pouco tempo até que uma criança participe em uma conversa simples, mas leva-se muito tempo até que ela possa desenvolver a habilidade de fazer um discurso formal” (DE HOUWER, 2015).

Outras escolas que se declaram “bilíngues”, no entanto, não apresentam um programa sequer diferente de um curso de Inglês, ou seja, de um curso livre. Esses programas estão dissociados do currículo regular da escola, e, além disso, são oferecidos fora do horário regular de aulas. Não há distinção entre um curso de Inglês e alguns desses programas que iremos analisar, de acordo com as definições estabelecidas por Baker (2011) e Guerreiro (2011). No início de 2016, uma escola do Recife, a qual será referida apenas por Colégio X⁴, publicou um encarte que foi circulado juntamente com os jornais da cidade, no qual dizia:

No Colégio X, seu filho vai pensar, falar e escrever em duas línguas! [...] O Colégio X dá um importante passo: acaba de articular-se a duas grandes instituições: a Cambridge University e a UNO Internacional. Essa iniciativa tem como objetivo favorecer a aquisição da língua inglesa, dentro da carga horária curricular do aluno. A Educação Infantil contará com o programa BEcome UNO Internacional [...] O Ensino Fundamental utilizará o programa da Cambridge University Press, ... além disso, o Colégio terá toda a sua comunicação visual interna adaptada para as duas línguas, oferecendo um ambiente favorável, significativo e contextualizado, no qual cada aluno pode tornar-se bilíngue. (Fig. 1)

⁴O nome da escola foi omitido por motivos éticos.

Fig. 1: Encarte⁵

Esse encarte também foi veiculado em redes sociais e chamou a atenção pela última palavra, em que declara que cada aluno poderá “tornar-se bilíngue”. Essa afirmação foi o suficiente para que se aguçasse o interesse em pesquisar mais a respeito do assunto e de suas manifestações, em particular, na Região Metropolitana do Recife-PE.

Através de pesquisa bibliográfica, e visitas às páginas de internet que estão amplamente publicadas e disponíveis para informações, tentaremos analisar, primeiramente, quais são algumas das mais aceitas teorias de aquisição de um segundo idioma, em particular, a língua inglesa. Em seguida, exploraremos os conceitos e definições de bilíngüismo, suas interpretações e dimensões, conforme enumera Baker (2011) e, por fim, iremos pesquisar as escolas da Região Metropolitana do Recife – PE, que se declaram bilíngues ou internacionais, e articular com os conceitos de Guerreiro (2011) e Antunes & Todeschini (2007), para que seja possível uma primeira avaliação da educação bilíngue disponível na Região Metropolitana do Recife.

A aquisição de um segundo idioma: elementos teóricos

There is an important distinction made by linguists between language acquisition and language learning. Children acquire language through a subconscious process during which they are unaware of grammatical rules. This is similar to the way they acquire their first language [...] Language learning, on the other hand, is not communicative. It is the result of direct instruction in the rules of language (HAYNES, 2005).

⁵ Fonte: Jornal do Commercio, jan. 2016.

Há, nos anais das universidades e no sem-número de artigos disponíveis na internet, diversas teorias de aquisição de linguagem. Dentre as teorias de aquisição de linguagem, existem diversas opiniões e muitos trabalhos científicos desenvolvidos sobre o assunto. A maioria dos linguistas flutua entre dois conceitos: a língua adquirida e a língua aprendida. Os termos língua inata e língua adquirida também são utilizados. Ricardo Schutz (2014) utiliza os termos assimilação natural e estudo formal. De qualquer forma, o aprendizado de uma segunda língua ocorre de maneira distinta, não apenas na abordagem, mas também, dependendo do contexto, individualmente com cada aprendiz.

Antes de entrarmos nos conceitos apresentados acima, observemos alguns aspectos históricos de ensino e aprendizado de uma segunda língua.

In order to understand the direction in which second-language teaching is moving as a profession, it is useful to know its origins. While it is unlikely then we will progress very far by driving in the rear view mirror, an understanding of conceptual and empirical bases of second language teaching and learning will provide a solid foundation for looking forward (NUNAN, 1999).

Alguns conceitos observados empiricamente podem iluminar um pouco as ideias dos que ainda não enveredaram por essa aventura de ensinar. Portanto, é importante que possamos listar esses conceitos para que se tenha uma visão geral de suas origens. Mas como disse Nunan (1999), se olharmos apenas no retrovisor, não iremos muito longe. Logo, vejamos de maneira sucinta esses conceitos (Tab.1):

CONCEITOS	SIGNIFICADOS
<i>Tradição humanista e aprendizado experimental</i>	<i>Trata-se da maneira tradicional de ensino e aprendizagem de uma segunda língua. Assim como é visto em escolas até os dias de hoje.</i>
<i>Ensino comunicativo de línguas</i>	<i>Uma das mais utilizadas práticas de ensino de um idioma. É visto por muitos como uma revolução ou um método mágico (grifo nosso) de ensino.</i>
<i>Educação centrada no educando</i>	<i>O educando é o ponto principal do trabalho de ensino e aprendizado. O envolvimento do aprendiz é essencial para o processo, desde a escolha dos temas até a forma de praticá-los.</i>
<i>Currículo negociado</i>	<i>Muito próximo ao anterior, leva em consideração as contribuições do aprendiz no processo de aprendizado.</i>
<i>Ensino de línguas baseado em tarefas</i>	<i>Advoga o princípio da autenticidade, uma vez que uma tarefa é determinada e, para cumprir, o aprendiz será forçado a utilizar-se do idioma para que possa resolver (grifo nosso) as charadas e desafios no caminho.</i>

Tabela 1: Conceitos de Ensino⁶

⁶ NUNAN, 1999.

O objetivo deste tópico é estudar as teorias de aquisição de um segundo idioma e tentar aprofundar os conceitos que foram muito bem desenvolvidos por Krashen (1987) e que ainda são amplamente difundidos e utilizados. Sendo assim, resolvemos separar os dois conceitos para que pudéssemos melhor entendê-los e, eventualmente, esclarecer o conceito principal de bilinguismo que nos propomos a estudar.

A linguagem adquirida

Language acquisition refere-se ao processo de assimilação natural, intuitivo, subconsciente, fruto de interação em situações reais de convívio humano, em ambientes da língua e da cultura estrangeira, em que o aprendiz participa como sujeito ativo (KRASHEN 1987).

A língua é adquirida naturalmente em família e em interações sociais. Ela faz parte do desenvolvimento da criança, assim como suas outras habilidades que se desenvolvem naturalmente. A referência que a criança terá será aquilo que aprendeu através da experiência. A língua materna também é assimilada através desse processo, que produz habilidade funcional e prática sobre a língua, e não através das regras gramaticais da norma culta. O desenvolvimento da familiaridade com a característica fonética da língua, sua estruturação e seu vocabulário é responsável pelo entendimento oral, pela capacidade de comunicação criativa, e pela identificação de valores culturais (IDEM, 1988).

É válido salientar que, ainda que por pouco tempo, indivíduos que tiveram a oportunidade de viver em um país de fala inglesa conseguem desenvolver a fala do idioma, porém, na maioria dos casos, sem nenhum conhecimento a respeito do idioma. Não têm, sequer, noções de fonologia (Schutz, 2014).

Não existe nada mais natural do que a forma como se aprendem as coisas na infância. Genesee (2006) afirma que a aquisição de linguagem é um feito da infância que, apesar de ser algo diário, é também algo mágico. Considera ainda que a aquisição da linguagem, apesar de aceita como algo normal, é a mais complexa realização dos anos iniciais da infância. Ainda mais extraordinárias são aquelas crianças que adquirem proficiência em duas ou mais línguas. É comum ouvir de alguns psicólogos que a criança é como uma esponja que absorve tudo o que vê, ouve, sente e respira. Essas informações vão direto à imaginação fértil, que ao absorvê-las também as interpreta de maneira que só uma criança consegue. Nesse período, a linguagem se desenvolve com maior intensidade. Primeiramente, através da interpretação de toques, sensações, sons, olhares, etc. Toda a linguagem não formal é adquirida naturalmente através dos sentidos. A linguagem formal também segue o mesmo padrão, ao substituir, paulatinamente, a linguagem natural à medida que a criança desenvolve suas habilidades cognitivas. O processo de substituição acontece à medida que movimento, ações, toque, etc. são associados aos sons e às palavras, transformando assim, a linguagem corporal em linguagem formal.

Quando tratamos do fenômeno da fala, é importante entender primeiramente como esse fenômeno ocorre, conforme alguns indicadores do desenvolvimento da Fala e da Linguagem (Tab. 2):

Período	Vocabulário	Fala (comunicação)
Até um ano:	Em torno dos 12 meses iniciam-se as primeiras verbalizações com significado.	Vocalizações e sons guturais. Dos seis aos oito meses, o bebê apresenta balbúcio repetitivo e a imitação da entonação.
Com um ano:	Conhece seu nome; diz duas a três palavras, além de “mama” e “papa”.	Imita palavras familiares; compreende ordens simples; reconhece as palavras como símbolos para objetos.
Entre um e dois anos:	Pode apresentar um vocabulário com 50 palavras. Entre 18 e 24 meses seu vocabulário se amplia e se aproxima de 200 palavras.	Compreende a palavra “não”; combina duas palavras; e produz o som de animais conhecidos; aponta figuras de um livro quando nomeadas; segue comandos simples.
Entre dois e três anos:	Apresenta um vocabulário de 450 palavras; combina nomes e verbos.	Usa sentenças curtas, de três a quatro vocábulos; nomeia figuras e objetos comuns; identifica partes do corpo. Conversa com outras crianças e com adultos; aprecia ouvir a mesma história várias vezes.
Entre três e quatro anos:	Possui um vocabulário de 1.000 palavras aproximadamente.	Compreende ordens mais longas, conversas, histórias e músicas; sua fala é mais fácil de ser compreendida por pessoas de fora de sua convivência; se comunica por sentenças simples de quatro a cinco palavras; relata experiências pessoais, ainda sem muitos detalhes.
Entre quatro e cinco anos:	Seu vocabulário aumenta para 1.500 palavras.	Compreende questões mais complexas; consegue usar o tempo verbal no passado; é capaz de definir algumas palavras; sabe listar itens que pertençam à mesma categoria, tais como animais, carros etc.; explica como realizar algumas atividades, como pintar.
Entre cinco e seis anos:	Apresenta um bom vocabulário que está em crescimento contínuo.	Habilidades de linguagem bem desenvolvidas; aprende palavras mais especializadas de seu centro de interesse; expande sua habilidade em compreender fenômenos explicados verbalmente; pronuncia todos os sons da língua com clareza; elabora sentenças mais complexas e gramaticalmente corretas;

Tabela 2: Indicadores do desenvolvimento da fala e da linguagem⁷

⁷<http://www.fonologica.com.br/blog/desenvolvimento-tardio-da-fala-e-da-linguagem>

A linguagem aprendida

O conceito de *language learning* é o que se entende por abordagem tradicional, que é a prática comum nas escolas de ensino médio. A abordagem da língua é extremamente instrumental na sua forma escrita e o aluno se estende ao aprendizado da gramática da língua estrangeira, seu funcionamento e de sua estrutura e suas principais diferenças da língua materna. Para Krashen (1988), nesta abordagem da língua, espera-se que esta experiência possa transformar-se em habilidade prática comunicativa (KRASHEN, 1988).

O aprendizado formal, ou seja, aquele que é adquirido após a aquisição natural da primeira língua, é um processo que exige muita disciplina e, acima de tudo, força de vontade. O aprendiz terá que reaprender a falar ao tentar pronunciar o segundo idioma, pois seu condicionamento vocal está sujeito à língua materna. É um processo que envolve tempo, investimento pecuniário e emocional. O aprendiz sabe, que a qualquer momento, terá que enfrentar esse desafio, e por isso, as escolas de idiomas e os especialistas procuram, mais e mais, pesquisar abordagens, métodos e técnicas de ensino-aprendizagem, com o fim de tornar esse processo o mais natural e agradável possível.

Ainda que os avanços tecnológicos indiquem maior facilidade no processo de aprendizagem, comunicar-se em um segundo idioma da maneira mais natural possível sempre exigirá um esforço e comprometimento individual significativo, pois se trata de um processo essencialmente fisiológico que, até agora, as máquinas não conseguiram substituir.

Veja, a seguir, um quadro com as principais características e diferenças entre Língua Adquirida e Língua Aprendida. (Tab. 3)

Língua Aprendida	Língua Adquirida
Artificial	Natural
Técnica	Pessoal
Prioridade na linguagem escrita	Prioridade na linguagem falada
Teoria (Análise de linguagem)	Prática (Linguagem em uso)
Ensino dedutivo (arbitrário e através de regras)	Treinamento indutivo (descoberta de regras e livre associação)
Vocabulário preestabelecido	Atividades centradas no aprendiz com oportunidades para imprevisto
Tradução e uso da L1 ^a	Sem tradução nem Uso da L1
Atividades SOBRE a língua	Atividades NA língua
Foco na forma	Foco na comunicação
Produz conhecimento	Produz uma habilidade

Tabela 3: Características entre Língua Adquirida e Língua Aprendida, adaptada de <http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>

^a L1 refere-se à língua original do aprendiz de uma segunda língua.

Bilinguismo: definições e distinções

Colin Baker (2011) define bilinguismo como algo mais complexo do que simplesmente uma bicicleta com duas rodas, ou um par de óculos para dois olhos. Observa-se, ainda, haver distinção entre bilinguismo e multilinguismo. Há diversas formas de se descrever e definir o termo, pode até parecer fácil para um dicionário online, conforme o exemplo abaixo:

BILINGUALISM⁹

[bahy-ling-gwuh-liz-uh m or, Canadian, -ling-gyoo-uh-]

noun

- 1.the ability of speaking two languages fluently.
- 2.the habitual use of two languages.

Logo, algumas tentativas de definir o termo acabam por torná-lo simplório e eminentemente técnico. Existem diversas formas de se descrever alguém que possua fluência, ou seja fluente em duas ou mais línguas. Para fins de simplificação, os termos bilinguismo e multilinguismo serão tratados como um só, conforme sugere Baker (2011).

Algumas dúvidas existem em relação à definição do termo, pois, enquanto alguns estudiosos se concentram na capacidade do indivíduo de se comunicar em dois ou mais idiomas, Grosjean (2010) prefere definir bilinguismo muito mais de maneira pragmática do que simplesmente como habilidade. Sua definição de bilinguismo dá mais ênfase ao uso regular das línguas do que à fluência. Isso inclui línguas e dialetos. *Bilinguals are those who use two or more languages (or dialects) in their everyday lives*” (BAKER apud GROSJEAN, 2011).

Assim, a língua não depende apenas da habilidade. Não se trata de uma ferramenta que o indivíduo adquire e a guarda em local seguro para que possa utilizá-la eventualmente. A língua é algo vital, de uso contínuo, e seu uso é aperfeiçoado à medida que é utilizada, logo, não é possível dissociar a língua do contexto social em que está inserida. *Language use cannot be divorced from the context in which it is used, nor from the effects of the interactions of different combinations of people in a conversation* (BAKER, 2011).

Nem sempre o indivíduo bilíngue terá a oportunidade de utilizar a língua de maneira diária. Daí o paradoxo entre ser bilíngue e estar bilíngue. Entende-se que o indivíduo está bilíngue se está inserido em um contexto onde duas ou mais línguas são utilizadas diariamente, ou é bilíngue por ser fluente em dois ou mais idiomas. Baker (2011) explica que bilinguismo é uma questão de escolha: [...] *in communities where two or more languages are widely spoken, bilinguals may use both their languages on a daily or frequent basis. When bilinguals use both their languages, there is often language choice.*

⁹Disponível em: <<http://www.dictionary.com/browse/bilingualism>> Acesso em: 24 mar. 2016.

Essa escolha que Baker (2011) menciona tem a ver com a capacidade de um indivíduo acostumar-se com uma língua em sua própria casa e resolver utilizar a outra em algumas oportunidades, como, por exemplo, quando chegam visitas em casa ou quando está em local público, interagindo com outros indivíduos que preferem outra língua. Essa “escolha” não é uma questão de necessidade, mas de comodidade, ou para incluir outras pessoas na conversa.

Algumas dimensões de bilinguismo

Partindo do pressuposto de que bilinguismo é uma questão de uso de um ou mais idiomas diariamente, conforme sugerem Grosjean (2010) e Baker (2011), da função e influência determinante do contexto social em que o indivíduo está inserido, serão analisadas algumas escolas no Recife e suas práticas bilíngues. Entretanto, faz-se necessário apresentar algumas dimensões de bilinguismo, conforme o autor as descreve, para que seja possível ter uma visão geral de todas as manifestações e nuances (Tab.4):

Dimensões	Como se manifestam
Habilidade:	Alguns indivíduos bilíngues falam e escrevem ativamente em dois idiomas. Alguns têm habilidade bem desenvolvida. Outros podem estar progredindo e são chamados bilíngues emergentes (BAKER <i>apud</i> GARCIA, 2009)
Uso:	Os domínios (ou contextos) em que cada língua é adquirida e usada são variados (ex. casa, rua, escola, telefone, email etc.), cada língua é utilizada para diferentes atividades ou propósitos.
Equilíbrio entre duas línguas:	É muito raro que um indivíduo bilíngue ou multilíngue tenha habilidades iguais tanto em uma língua como em outra. Geralmente, uma língua é dominante. Isso pode mudar com o tempo.
Idade:	Quando a criança aprende duas línguas desde o seu nascimento, em geral a experiência bilíngue se chama simultânea ou bilinguismo infantil, ou aquisição de uma primeira língua bilíngue (BAKER <i>apud</i> DE HOWER, 2009). Se uma criança aprende uma segunda língua após cerca de três anos de idade, o termo que geralmente é utilizado é bilinguismo consecutivo ou sequencial.
Desenvolvimento:	Bilíngues incipientes têm uma língua bem desenvolvida, e a outra, nos primeiros estágios de desenvolvimento. Quando uma segunda língua está em desenvolvimento, chama-se bilinguismo ascendente, enquanto que bilinguismo recessivo ocorre quando uma das línguas está em declínio, resultando em atrito de linguagem temporário ou permanente.
Cultura:	Bilíngues se tornam mais ou menos biculturais ou multiculturais. É possível para alguém ter alta proficiência em duas línguas e ser, relativamente, monocultural. Competência bicultural é relativa ao conhecimento da cultura da língua.
Contexto:	Alguns bilíngues vivem em comunidades endógenas bilíngues e multilíngues que utilizam mais de uma língua diariamente. Outros, em regiões mais monolíngues e monoculturais e se relacionam com outros bilíngues quando estão em férias, por telefone, mensagens de texto e email, por exemplo. Quando há ausência de uma comunidade que fala a segunda língua, o contexto é exógeno (ex.: bilíngues russos

	nos EUA). Outros contextos são aditivos, tais como quando uma pessoa aprende uma segunda língua sem prejuízo nenhum à sua primeira língua, como ocorre em bilingües de elite ou prestigiados.
Bilinguismo eletivo:	É uma característica de indivíduos que escolhem aprender uma língua, por exemplo, em sala de aula. Bilingües eletivos vêm geralmente de países que têm língua majoritária (BAKER <i>apud</i> VALDÉS, 2003).
Bilingües circunstanciais:	Aprendem outra língua para funcionarem efetivamente, por causa das circunstâncias (como imigrantes). A diferença entre bilingües eletivos e circunstanciais é importante, pois identifica imediatamente as diferenças entre prestígio e status, políticas e poder entre bilingües (BAKER, 2011).

Tabela 4: Dimensões de bilinguismo

Ao analisarmos essas dimensões, percebemos que há um amplo espectro através do qual podemos identificar bilinguismo. Portanto, com base em alguns desses dados, procuraremos identificar algumas escolas privadas no Recife, que estão implementando uma educação bilíngue, e faremos uma comparação entre elas em alguns quesitos, tais como: carga horária dedicada ao ensino e prática da língua inglesa, integração ao currículo regular, escolaridade e faixa etária em que os alunos se submetem ao aprendizado do inglês.

Algumas definições de bilinguismo

Baker (2011) vai além, e sugere alguns termos que identificam as diversas manifestações de bilinguismo e a maneira como são compreendidas e aceitas (ver Tab. 5).

Termo	Identificação
Habilidade Bilíngue ou Multilíngue	Orais – Audição e Falação, e Literárias – Leitura e Escrita. Essas habilidades podem ser ainda divididas em diversas subcategorias. Como evidencia Baker (2011), quando diz que as duas rodas do bilinguismo podem ter estilos e tamanhos diferentes, da mesma forma há diversos tons de cinza, e nem tudo pode ser fácil de se definir como um simples preto e branco.
Bilinguismo Mínimo ou Máximo	Não é uma tarefa fácil tentar estabelecer essa medida, da mesma forma, não é fácil decidir quem é bilíngue ou multilíngue. Baker (2011) explica que qualquer tentativa será arbitrária e necessitará de um juízo de valor a respeito da competência mínima necessária para se rotular “bilíngue”.
Bilingües equilibrados	Em geral, a literatura sempre se concentra em um grupo de indivíduos bilíngues, cuja competência em ambas as línguas está bem desenvolvida. Ou seja, alguém com habilidade semelhante em ambas as línguas. Esse conceito é considerado por Baker (2011) como “conceito idealizado” e não leva em consideração as diversas nuances em que o bilinguismo se manifesta.
Visão Monolíngue do Bilinguismo	É uma visão em que uma segunda língua é comparada com a primeira. Alguns professores, administradores e políticos, conforme enumera Baker (2011), veem o indivíduo bilíngue como dois monolíngues em uma pessoa.

“Semilinguismo” ou “Duplo Semilinguismo”	Os indivíduos bilíngues tendem a dominar uma de suas línguas ou alguns aspectos de suas habilidades linguísticas. Isso, explica Baker (2011), pode variar com o contexto, e está sujeito a mudanças, à medida que o tempo passa através da mobilidade social ou geográfica.
A visão holística de bilinguismo	Baker <i>apud</i> Grosjean (1985, 2008) e Cook (1992, 2002a, 2002b) apresentam uma visão alternativa mais positiva dos indivíduos bilíngues como sendo indivíduos com competências múltiplas.

Tabela 5: Algumas definições de bilinguismo

Entretanto, completa Baker (2016), “isso levanta a questão, should bilinguals only be measured and compared by **reference to other bilinguals**, when, for example, someone learns English as a second language, that competency in English only be measured against English ability in other bilinguals?” Dessa forma, Baker (2011) defende que qualquer avaliação de indivíduos bilíngues deve evitar que seja feita pelos testes tradicionais, considerando-os em relação à sua capacidade geral de comunicação.

Em conclusão, definir exatamente quem é bilíngue, ou não, é algo altamente subjetivo e quase impossível. “Some categorization is necessary to make sense of the world” (Baker, 2011, 15), logo, se faz necessária alguma forma de categorização ou aproximação. A ideia tradicional de definir “native-like”, por exemplo, conforme Baker *apud* Bloomfield (1933), é simplória, além de ambígua ou arbitrária.

Bilinguismo em escolas privadas na Região Metropolitana do Recife

Com base no que Baker (2011) enumera como “Dimensões de Bilinguismo”, podemos perceber que na Região Metropolitana do Recife há algumas instituições em que é possível identificar algumas dessas dimensões de bilinguismo e que estão em operação na atualidade.

A título de esclarecimento, apesar de algumas escolas tentarem se identificar como bilíngues, simplesmente trata-se de um curso paralelo de Inglês, não diferente de qualquer outro curso de idiomas, com a diferença que as aulas são ministradas nas mesmas instalações em que os alunos estudam regularmente; ou então, trata-se de escolas em processos iniciais de implantação de uma educação bilíngue, que, eventualmente, conforme proposto, será totalmente integrada ao currículo (suafranquia.com.br, 2015)¹⁰.

Muitas pessoas confundem **escola bilíngue** (grifo nosso) com **escola internacional** (grifo nosso), mas as propostas são distintas. Uma escola internacional é aquela que está habilitada para ensinar o currículo de outro país, explica Guerreiro (2011), enquanto que uma escola bilíngue é aquela que usa, no mínimo, dois idiomas para ministrar as disciplinas tradicionais e o currículo nacional (embora muitas vezes ele seja complementado com o internacional).

¹⁰Artigo na internet, novembro - 2015. Acesso em: 27 mar. 2016.

Outras escolas estão praticando a **adoção gradativa** (grifo nosso), como atesta o artigo da Revista Escola.

Há escolas monolíngues no Brasil que estão investindo na implantação do ensino bilíngue "[...] A ideia é acostumar os alunos a um segundo idioma usado no dia a dia escolar [...] assim, gradativamente, estratégias de implantação do inglês serão introduzidas. [...] O sistema recomenda às escolas que seja criado o período integral, um em português, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, outro em inglês, com os padrões internacionais (GUERREIRO, 2011, p. 3).

Através da vasta quantidade de informação pública disponível na internet, foi realizada uma pesquisa por meio da qual foi possível fazer um levantamento comparativo de informações relevantes para este trabalho. Através dessa pesquisa, será possível relacionar algumas dessas escolas que estão na Região Metropolitana do Recife-PE e identificá-las, de acordo com as dimensões de bilinguismo de Baker (2011), determinando se se trata de escolas internacionais, escolas bilíngues ou adoção gradativa (GUERREIRO, 2011).

Antunes & Todeschini (2007) descrevem estes dois modelos (ver Fig. 2) e explicam de maneira simples e clara, as atribuições de cada escola, e dois modelos distintos que acreditam estarem presentes no Brasil:

Escola	Como funciona	Quanto custa	Para quem é mais indicada
Escola Bilíngue Brasileira	Oferece aulas em período integral, metade em inglês e, a outra, em português. Segue o currículo do Ministério da Educação (MEC).	R\$ 1.400,00 em média.	Estudantes que querem prestar vestibular no Brasil.
Escola Internacional	Currículo idêntico ao de seu país de origem, oferece aulas em turno integral, 90% delas em língua estrangeira.	R\$ 2.000,00 mais taxa de ingresso equivalente a três mensalidades.	Jovens que pretendem seguir seus estudos no exterior, em qualquer fase da vida.

Fig. 2: Quadro comparativo entre Escolas Internacionais e Bilíngues – Adaptado de: http://plane-tasustentavel.abril.com.br/pops/yes_somos_bilingues_pop02.shtml¹¹

Dessa forma, apresentaremos, a seguir, as escolas que acreditamos serem relevantes para esse trabalho, e que, para fins de esclarecimento, podem ser, aqui, relacionadas, pois seu material informativo está publicamente disponível para exame.

¹¹Fonte: Edição 2022 - ano 40 - nº 33 - 22 de agosto de 2007; p. 100: Quanto mais cedo, melhor - Yes, nós somos bilíngues.

Relação de escolas estudadas

Foram estudadas dez escolas da região, em Recife, Camaragibe e Jaboatão dos Guararapes. A informação, a seguir, foi coletada através de pesquisa na internet, onde as informações foram apresentadas publicamente. Portanto, não se trata de investigação sigilosa, mas uma exposição em ordem para verificação (Fig. 3):

Escola	Currículo	Carga Horária	Bilinguismo
Escola Americana do Recife Recife-PE	Internacional (com algumas disciplinas compulsórias do MEC)	Período Integral	Bilinguismo Eletivo e de Contexto.
CIEC - Centro Internacional de Educação e Cultura Jaboatão dos Guararapes-PE	Internacional	Período Integral	Bilinguismo Eletivo e de Contexto.
ECCOPRIME Bilingual School Camaragibe-PE	Bilíngue	Período semi-integral	Equilíbrio, cultural e contextual.
ABA Global School Recife-PE	Bilíngue	Período semi-integral	Equilíbrio, cultural e contextual.
Sunny Place International School Recife-PE	Bilíngue	Não informado	Não é possível se estabelecer ainda.
Saber Viver Recife-PE	Nacional	Apenas no período complementar	Adoção gradativa.
Colégio Damas High School Recife-PE	Internacional (High School)	Integral	Bilinguismo Eletivo e de Contexto.
Colégio Damas Recife-PE	Nacional	Apenas no período complementar	Oferece um curso regular de inglês.
Colégio Boa Viagem Recife-PE	Nacional	Apenas no período complementar	Oferece um curso regular de inglês.
Colégio Santa Maria - High School Recife-PE	Internacional (High School)	Integral	Bilinguismo Eletivo e de Contexto.
Colégio Santa Maria Recife-PE	Nacional	Apenas no período complementar	Oferece um curso regular de inglês.

Fig. 3: Quadro comparativo de escolas e seus currículos

Tanto a Escola Americana do Recife, como o CIEC, apesar de estarem em um país onde a população fala o Português, apresentam currículo internacional e algumas disciplinas obrigatórias oferecidas para atender à legislação nacional. Estão categorizadas, conforme Guerreiro (2011), como Escola Internacional. Ao analisar-se as escolas à luz do que descreve Baker (2011), evidencia-se uma experiência bilíngue que pode ser classificada nos quesitos de contexto, eletiva e de idade e cultural.

A ABA e a Eccoprime são escolas brasileiras, com educação bilíngue, que escolheram o inglês como segunda língua. De acordo com Guerreiro (2011), trata-se de uma escola bilíngue, diferente de uma escola chamada internacional, e que utiliza o inglês de maneira integral nos primeiros anos, e gradativamente introduz o português à medida que o aluno vai se desenvolvendo e ficando mais seguro na segunda língua. De acordo com a descrição de Baker (2011), sua metodologia está inserida na dimensão de bilinguismo de idade, equilíbrio, cultural e contextual.

A Escola Sunny, por estar ainda em fase de implantação, iniciou suas atividades apenas na Educação Infantil e pretende expandir à medida que os alunos forem passando para os próximos níveis. De acordo com Guerreiro (2011), pode ser classificada como uma escola bilíngue em processo de adoção gradativa. E analisá-la conforme as dimensões de bilinguismo de Baker (2011) ainda não é possível.

Os colégios Saber Viver e Boa Viagem estão em processo de adaptação para incorporar o inglês de maneira mais relevante, a fim de que possam, eventualmente, vir a oferecer uma educação bilíngue. O que indica, segundo Guerreiro (2011), que a escola está nos princípios de um processo de adoção gradativa.

Os Colégios Damas e Santa Maria oferecem duas oportunidades de bilinguismo: conforme Guerreiro (2011), o High School, que se assemelha a uma Escola Internacional e um curso de inglês, que fazem parte de um programa complementar no ensino integral e que é semelhante aos cursos livres. Portanto, segundo Baker (2011), não é possível classificar o programa de inglês como bilíngue.

Considerações finais

O panorama de educação bilíngue na Região Metropolitana do Recife-PE é tão variado quanto as definições de bilinguismo e de escolas bilíngues e internacionais.

Se por um lado existem três manifestações de bilinguismo em algumas escolas – internacionais, bilíngues e em processo de adoção gradativa –, por outro lado, há algumas escolas que, simplesmente, resolvem implantar um curso de inglês dentro de suas instalações, porém, dissociado do currículo regular escolar.

Essa estratégia é, economicamente, interessante, uma vez que o contexto no qual tem vivido o país não tem sido favorável ao modelo tradicional de negócios.

O acordo de cavalheiros que sempre existiu entre instituições regulares de ensino e cursos de idiomas tem sido rompido a cada dia. A escola regular tem passado a

incorporar cursos de idiomas, programas bilíngues e currículos internacionais em seu portfólio de produtos. A escola de idiomas, por sua vez, tem procurado diversificar, ainda mais, seu leque de serviços, oferecendo cursos como: robótica, empreendedorismo, coding, criatividade, trabalhos manuais, etc.

No que diz respeito ao ensino bilíngue na Região Metropolitana do Recife-PE, a oferta de propostas, manifestações e estilos tem variado bastante. Algumas escolas, porém, têm sido fiéis ao que declaram, e, ao apresentarem um programa bilíngue aos alunos, estão, de fato, oferecendo uma educação de qualidade internacional, com currículo que atende às exigências de escolas no exterior, mas que, paralelamente, obedece aos PCNs¹².

Infelizmente, também chegamos à conclusão de que algumas instituições de ensino dizem oferecer um programa bilíngue, mas, na verdade, oferecem uma alternativa às escolas de inglês.

O ponto mais difícil é estabelecer se as escolas estão agindo de maneira deliberada, com o intuito de aproveitar uma tendência de mercado, ou estão sendo influenciadas por indivíduos bem treinados em estratégias de marketing que se utilizam da vasta gama de definições de bilinguismo para encaixar sua agenda nos espaços em que ainda não é possível definir o termo de maneira sistemática e legislativa.

Resta o benefício da dúvida: é possível que algumas escolas, simplesmente, necessitem de orientação e esclarecimentos em relação ao tema, o que é, no momento, inviável de se implantar compulsoriamente, por não haver uma legislação específica para o ensino bilíngue em inglês ou em outro idioma qualquer.

Com base nesses resultados, lançamos a pergunta: existe uma forma de se regulamentar o ensino bilíngue no país para que seja possível estabelecer um currículo bilíngue nacional que atenda, de maneira bem definida, às necessidades educacionais domésticas e permita que os alunos possam estar prontos para encarar os desafios do século XXI? Ou ficaremos para sempre relegados à condição de uma ilha monolíngüística?

Referências

ABA – Global School. Disponível em: <http://www.estudenaaba.com/globalschool>. Acesso em: 26 mar. 2016.

AGUIAR, E.C. **Monografia:** início, tranquilidade e defesa. 5. ed. Recife: Ed. Tarcísio Pereira, 2014.

ANTUNES, C; TODESCHINI, M. Yes, nós somos bilíngues: **REVISTA VEJA**. Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo_247947.shtml?func=2 Acesso em: 25 mar. 2016.

APOSO, R.; VAZ, F. **Introdução a ciência cognitiva**, Dissertação (Mestrado em Informática Aplicada à Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.nce.ufrrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/t_2002/t_2002_renato_aposo_e_francine_vaz/index.htm>. Acesso em: 25 mar. 2016.

¹²Parâmetros Curriculares Nacionais.

- BAKER, C. **Foundations of bilingual and bilingualism**. 5. ed. Great Britain: Multilingual Matters, 2011.
- BREDENKAMP, S. **What early childhood teachers need to know about language**. Disponível em: <<http://www.cal.org/index.php/content/download/1581/16898/file/WhatEarlyChildhoodTeachers.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- COLÉGIO Boa Viagem. Disponível em: <<http://www.cbvweb.com.br/novo/>> Acesso em: 27 mar. 2016.
- COLÉGIO Saber Viver. Disponível em: <http://www.escolasaberviver.com.br/site/> Acesso em: 26 mar. 2016.
- COLÉGIO SANTA MARIA. Disponível em: < <http://www.stamaria.com.br/Site/proposta-Pedagogica.php>> Acesso em: 27 mar. 2016.
- DICTIONARY.COM: pesquisa on line sobre o termo bilinguismo. Disponível em: <<http://www.dictionary.com/browse/bilingualism>> Acesso em: 24 mar. 2016.
- ECCOPRIME Bilingual School. Disponível em: <<http://www.eccoprime.com.br/index.php#escola>> Acesso em: 26 mar. 2016.
- ESCOLA Maple Bear: perguntas frequentes sobre educação bilíngue. Disponível em: <http://www.maplebearmanaus.com.br/historiaEscola.aspx>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- FRANQUEADOS Pearson diversificam negócio abrindo escolas de idiomas dentro de colégios. Disponível em : <<http://www.suafranquia.com/noticias/escolas-de-idiommas/2015/11/franqueados-pearson-diversificam-negocio-abrindo-escolas-de-idiommas-dentro-de-colegios.html>> Acesso em: 27 mar. 2016.
- ESCOLA Americana do Recife. Disponível em: <<http://www.ear.com.br/page.cfm?p=1>> Acesso em: 25 mar. 2016.
- ESCOLA Internacional de Aldeia – EIA. Disponível em: <http://www.mundoeia.com.br/escola.html> Acesso em: 12 maio 2016.
- FORTE, L.K. **Desenvolvimento tardio da fala e da linguagem**. Disponível em: <<http://www.fonologica.com.br/blog/desenvolvimento-tardio-da-fala-e-da-linguagem/>> Acesso em: 19 nov. 2011.
- GUERREIRO, C. Dois idiomas, uma criança. **REVISTA EDUCAÇÃO**. Disponível em: <<http://revistaeducacao.com.br/textos/170/dois-idiommas-uma-crianca-234962-1.asp>> Acesso em: 19 nov. 2015.
- GENESEE, F. Bilingual acquisition. Disponível em: http://www.earlychildhoodnews.com/earlychildhood/article_view.aspx?ArticleID=38. Acesso em: 19 nov. 2015.
- GROSJEAN, F. Bilingual: life and reality. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2010.
- HAYNES, J. **Language acquisition vs. language learning**. Disponível em: http://www.everythingsl.net/inservices/language_acquisiti_vs_language_02033.php> Acesso em: 19 nov. 2015.
- KRASHEN, S.D. **Second language acquisition and second language learning**. London: Prentice-Hall International, 1988.

_____. **Principles and practice in second language acquisition**. Prentice-Hall International, 1987.

LEMONS, M. G. **Uma experiência de desenvolvimentos de projetos didáticos na educação infantil bilíngue**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

NUNAN, D. **Second language teaching & learning**: Boston: Heinle&Heinle Publishers, 1999.

PORTAL EDUCAÇÃO. Introdução à didática para aulas de inglês. Disponível em: < <http://www.portaleducacao.com.br/Artigo/Imprimir/21930>.> Acesso em: 19 nov. 2015.

REVISTA VEJA, Edição 2022, a. 40, n. 33, 22 ago. 2007, p. 100. Quanto mais cedo, melhor - Yes, nós somos bilíngues. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/220807/sumario.shtml>. Acesso em: 19 nov. 2015.

SCHUTZ, R. **Assimilação natural x ensino formal**: english made in Brazil. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

SUNNY Place International School. Disponível em: <http://www.sunnyplace.com.br/> Acesso em: 26 mar. 2016.

VALE, D.; FEUNTEUN, A. **Teaching children english**: Great Britain: Cambridge University Press, 1996

Recebido em: 10.08.2016

Aprovado em: 26.08.2016

Para referenciar este texto:

ARAGÃO, Heber Silveira de; MODESTO, Márcia Maria. Evidências de bilinguismo em escolas privadas na Região Metropolitana do Recife à luz das teorias de Baker, Krashen e Grosjean. **Lumen**, Recife, v. 25, n. 1, p. 65-82, jan./jun. 2016.